

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

PROSTITUIÇÃO MASCULINA: UM DESTINO PULSIONAL?

JOSÉ MAURÍCIO DA SILVA

Mestre em Psicologia pela Pontificia Católica do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte.

E-mail: mauricio@agostinianos.org.br

Resumo: Este artigo efetua algumas considerações sobre a prostituição masculina, as questões sociais e psicológicas que envolvem a função e a clientela de homens prostituídos.

Palavras-chave: prostituição, sociedade, patriarcado, psicanálise.

MALE PROSTITUTION: A PULSIONAL DESTINATION?

Abstract: This paper provides some thoughts about male prostitution, psychological and social issues that involve the function of male prostitutes and clients.

Keywords: prostitution, society, patriarchy psychoanalysis

Mas a psicanálise não pode elucidar a natureza intrínseca daquilo que, na fraseologia convencional ou biológica, é denominado de ‘masculino’ e ‘feminino’: ela simplesmente toma dois conceitos e faz deles a base de seu trabalho (Freud 1920/1996; p.183).

O patriarcado na história ocidental sempre esteve fundamentado no Cristianismo. A concepção de Deus se materializou no seio familiar, no pai centralizador; como o mundo girava ao redor do Deus criador, assim a ‘vida pulsional’ ao redor do pai. A mulher é vista a partir do homem como símbolo da tentação, a que perturba a relação com o divino e a que conflitua as relações entre os homens. Ela está associada à natureza, à carne, ao sexo, ao prazer; algo que precisa ser mantido sob rigoroso controle. Bebemos esta cultura. Cultura entendida, segundo Geertz (1989, p.66), como um “*padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem*



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”. Como fonte de informação, comparativamente falando, padrões culturais são semelhantes às bases de ADN - programa codificado – que fornecem tais informações “*para a instituição dos processos sociais e psicológicos que modelam o comportamento público*” (p.68).

O mito bíblico da criação – Adão e Eva - determinou, ideologicamente, o lugar do homem e da mulher em nossa cultura, fundamentou uma estrutura social com sua filosofia e valores patriarcais. A religião judaica é a religião dos patriarcas. Na Bíblia deparamos com um modelo de família: “endogâmica, patrilinear, patriarcal, patrilocal, ampliada e poligâmica” (BADINTER, 1986, p.7). Estes dados históricos são importantes para localizarmos a posição do nosso objeto de pesquisa - o garoto de programa - na cultura ocidental.

Outro fator a ser considerado, é a escassez de literatura acerca da prostituição masculina e o fato de que grande parte da literatura da prostituição feminina é registrada por homens. Aliás, como lembra Ceccarelli (2008, 62-63),

[...] a prostituição sempre foi um negócio dos homens e do Estado, os quais mantiveram o controle da situação geradora de recursos econômicos a custa da exploração das mulheres, seja na figura da proxeneta, nas taxas, leis ou extorsões que as prostitutas são obrigadas a se submeter. Juntamente com a violência conjugal, o estupro e outras tantas formas de dominação masculina, a prostituição constitui mais uma manifestação da cultura machista, pois em certa medida, a sexualidade feminina continua sendo gerenciada pelos homens.

Estamos inseridos numa cultura, imbuídos das ideologias, dos pressupostos teóricos e das representações que lhe são próprias. Acompanhamos Silva (2007) quando pergunta: Como separar o que é fruto de um momento histórico, mutável, do que é realmente entendido como conceito, diríamos, que transcende estas mesmas construções?



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Propomos-nos, num primeiro momento, estabelecer um diálogo entre psicanálise e história, pois entendemos que “compete à teoria psicanalítica rever aquilo que é conjuntural e o que é universal, ou como o universal se adéqua ao conjuntural” (p.144).

No segundo momento queremos pensar a prostituição masculina imbuída de seus enigmas, fantasias, o lugar que ocupa na economia psíquica do prazer dos sujeitos em questão. Para tal elegemos como campo possível de investigação a relação garoto de programa e o cliente. Por ser uma pesquisa em psicanálise, estaremos atuando no campo do inconsciente, ou mais precisamente, em suas manifestações, ou seja, a realidade psíquica, pois esta se apresenta como realidade naquele que a anuncia. O olhar da psicanálise se volta para a dinâmica psíquica do que esta sendo observado, para as manifestações desta dinâmica que, por sua vez, pertence ao universo fantasmático. Como diz Ceccarelli (2001), este universo “é intimamente ligado aos conteúdos do recalco próprio a cada ser humano: é no recalco que se encontra a história das escolhas de objeto, a das pulsões, a das vagabundagens da libido, assim como os caminhos do desejo em suas tentativas de realização alucinatória.”

Propomos pensar este universo ‘habitado’ pelo garoto de programa e o cliente. Sob a óptica psicanalítica, nosso olhar se voltará para a infância, como orienta Freud (1905/1969) em nota de rodapé, (acréscimo de 1915) quando diz: “As inúmeras peculiaridades da vida amorosa dos seres humanos, bem como o caráter compulsivo do próprio enamoramento, só se tornam inteligíveis numa referência retrospectiva à infância e como efeitos residuais dela” (p.216).

O vocábulo prostituição, segundo França (1994), é oriundo do latim ‘prosto’ que significa estar às vistas, à espera de quem quer chegar ou estar exposto ao olhar público. É a prática sexual remunerada habitual. Segundo esta concepção, o garoto de programa é o que espera, o que comparece a público nas mais variadas formas: ruas, saunas, anúncios em jornais, internet, a fim de oferecer os seus serviços sexuais. E, por



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

outro lado, comparece o cliente, que recebe este nome dado sua condição econômica. E na condição de cliente, é o que busca alguma coisa e aceita pagar pelo que, a princípio, o garoto de programa acredita possuir. Assim, o garoto de programa e cliente, movidos pela forte excitação provocada pela nova situação na qual o imprevisível e o desconhecido são ingredientes de peso, encenam um ato e vivem – imaginariamente - a ilusão de ter encontrado aquilo que buscam. Mas, o que buscam? Escreve Ceccarelli (2005, p. 5):

Entre um extremo e outro, temos os que buscam, em graus variados e no efêmero vínculo aí estabelecido, um pouco de conforto e carinho, algo que se aproxime de um contato humano. Na grande maioria das vezes, entretanto, passada a ilusão imaginária da relação estabelecida, o sujeito se vê confrontado com o vazio de uma "máquina de fazer amor" encarnada em um corpo alugado.

Segundo Ceccarelli (2008), o garoto de programa, ou michê como mais conhecido, são homossexuais, bissexuais, heterossexuais com idade entre 18 e 30 anos; alguns casados ou com parceiras fixas. Podemos encontrá-los em diferentes espaços. Há os que se expõem nas ruas como produtos em vitrine. Em Belo Horizonte há um ponto de encontro próximo ao Fórum, Barro Preto, frequentado por jovens pobres em sua maioria provenientes de bairros periféricos, Betim, e Contagem. Os jovens universitários fazem seus anúncios em jornais, revistas, salas de bate-papo, internet ou saunas. Há também os *scortboys*, garotos que se reúnem em agências especializadas que apresentam seus membros em *books* fotográficos bem elaborados.

Em relação à clientela há heterossexuais curiosos que, em sua grande maioria permanecem no anonimato, pois querem preservar a família (pais e irmãos; esposa e filhos) e o *status quo* de suas profissões. Em geral, são homens com um forte apelo homoerótico que não conseguem manter um relacionamento com outro homem por motivos de se exporem a público e muitos nem se consideram homossexuais. Buscam pelo



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

profissional do sexo em anúncios de jornais, internet, saunas masculinas e eventualmente nas ruas.

Outros clientes são homossexuais que vivem na solidão, buscando no *michê*, “a atitude que além de sexual seja carinhosa, compreensiva ou que simplesmente responda ao apelo de companhia.” Finalmente, outra faixa de clientes são os homossexuais que, muitas vezes, mantêm um relacionamento fixo com um parceiro, que por questões de fantasia buscam práticas sexuais diferentes. E há casais heterossexuais que procuram pelo *michê* para que participe como terceiro na relação sexual e geralmente o parceiro fica na condição de *voyeur* observando a relação.

Discutindo o infantilismo na sexualidade, Freud (1905/1969), referindo à perversão, afirma que há lago inato nesta, mas que este inato é comum a todos os seres humanos, e como disposição pode variar de intensidade ou acentuar segundo as experiências vivenciadas. E acrescenta:

Trata-se, pois, das raízes inatas da pulsão sexual dadas pela constituição, as quais, uma série de casos (as perversões), convertem-se nas verdadeiras portadoras da atividade sexual (perversa), outras vezes passam por supressão (recalcamento) insuficiente, de tal sorte que podem atrair indiretamente para si, na qualidade de sintomas patológicos, parte da energia sexual, e que permitem, nos casos mais favoráveis situados entre os dois extremos, mediante uma restrição eficaz e outras elaborações, a origem da chamada vida sexual normal (p.162).

E aí então perguntamos: qual foi a dinâmica pulsional e os caminhos identificatórios que levam à prostituição? Por que alguns vivem a sexualidade de forma ‘normal’, e outros se lançam na busca de garotos de programa, outros se tornam pedófilos, sádicos, masoquistas...? Referindo-se à prostituição, Freud (1905, 1969), em Três Ensaio Sobre e Teoria da Sexualidade, afirma que sob a influência da sedução, a criança pode se tornar perversa polimorfa e ser induzida a todo tipo de transgressão e que se seduzida por



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

alguém habilidoso desenvolverá um gosto pela perversão e o reterá em suas atividades sexuais. E acrescenta:

Essa mesma disposição polimorfa, e portanto infantil, é também explorada pelas prostitutas no exercício de sua profissão e no imenso número de mulheres prostituídas, ou em quem se deve supor uma aptidão para a prostituição, embora tenham escapado ao exercício dela, é impossível não reconhecer nesta tendência uniforme a toda sorte de perversões algo que é universalmente humano e originário (p.180).

Entendemos então, sob a óptica freudiana, que as prostitutas ‘fazem uso’ de algo da sexualidade infantil que ficou retido fixado, em *stand by*, quando as pulsões eram parciais, não tinham objeto fixo, portanto polimorfas. E daí, tudo pode, tudo serve. Seria esta a dinâmica psíquica do garoto de programa? Poderíamos rastrear este princípio freudiano nas trocas fantasmáticas entre o garoto de programa e seu cliente? O que do infantil é reatualizado no encontro garoto de programa e cliente? Se as perversões constituem um patrimônio comum da humanidade, porque que uns retornam a elas e outros não?

Como nos lembra Kehl (2009), constituição do psiquismo é tributária do Outro, tanto no simbólico como no imaginário, sustentados em personagens aos quais são atribuídos alguma forma de poder, seja nas relações sociais seja nas relações amorosas que acabam por substituir os primeiros seres de amor da vida infantil. A separação entre a criança e o Outro materno produz a perda de um objeto, “dito objeto a, inaugurador de toda série de objetos aos quais o desejo há de se dirigir seu impulso” (p.90), e que devido à sua natureza é impossível ser encontrado. O objeto perdido passa a funcionar como causa do desejo. Como situar, na dinâmica, garoto de programa x cliente, o objeto *a*, objeto causa de desejo?



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Minha pesquisa, neste sentido, há de levar em conta, também, a dinâmica psíquica que sustenta as identificações constitutivas do Eu. Ou seja, tentaremos rastrear os movimentos identificatórios dos entrevistados a fim de encontrar aí possíveis respostas para a solução¹ psicosssexual que apresentam. Mais do que pensar os atores em cena, nosso olhar se volta para os caminhos da pulsão, o percurso escrito pelos sujeitos que levam às escolhas de objeto na prostituição. Destarte, entramos-nos em um campo de pesquisa relativamente pobre em produções teóricas, o que nos incentiva ainda mais para realizarmos a pesquisa.

O interesse ao propor este projeto de pesquisa, nasceu de um atendimento a um garoto de programa. Ocorreram, na verdade, três encontros. À medida que ia relatando sua história, ia me perguntando pela ‘força’ que movimenta um garoto rumo à prostituição. Intrigava-me ainda mais, quando falava dos perigos, dos riscos, da violência e que mesmo assim, continuava fazendo seus programas.

Quais razões movem os sujeitos na prostituição? Tony (nome fictício) 21 anos, 3,5 anos atuando como garoto de programa na rua. Os pais se separaram quando tinha dois anos; aos 17 anos sai de casa para morar sozinho. Perguntado pelo que o levou a esta escolha, responde: “sou bonito, tenho um corpo bacana, atraente, vistoso, com certeza atrairia uma boa clientela, e é isto o que as pessoas buscam.” Tem um cliente há três anos; sobre o afeto na relação com este cliente, responde: “não sinto nada, nada, nada... nenhum carinho, tesão, apenas faço o que pede: transar. O cliente faz declaração de amor, trata com carinho... mas é o cliente, eu não.” Tony realça o sucesso graças à aparência física e adereços utilizados como a postura corporal, gestos expressões faciais, o jeito de falar e de se vestir.

¹ Segundo Ceccarelli (2000), “Soluções” às comunicações verbais e pré-verbais dos pais, que podem ser contraditórias, a respeito dos elementos constitutivos da sexualidade; ao lugar que se espera que a criança ocupe na dinâmica familiar assim como os Ideais que se espera que ela responda o que pode representar, em alguns casos, uma tentativa (perversa?) de elaboração de lutos e feridas narcísicas sempre presentes no inconsciente dos pais; enfim, soluções às variáveis que acolhem a criança quando de seu nascimento e a interação destas últimas com os fatores constitucionais inatos.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Qual a raiz libidinal desta escolha, perguntamos? Provavelmente encontraremos questões econômicas, financeiras que permeiam esta situação; mas por que pessoas que padecem da mesma condição não fazem esta escolha? Que raiz libidinal sustenta esta prática? Em o *Mal Estar da Civilização*, (1930[1929]), em nota de rodapé falando do trabalho, Freud diz ser este um imperativo que assegura ao sujeito um lugar na comunidade humana. O trabalho é uma técnica que desloca uma grande quantidade de componentes libidinais, e acrescenta:

A possibilidade que esta técnica oferece de deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais, sejam eles narcísicos, agressivos ou mesmo eróticos, para o trabalho profissional, e para o relacionamentos humanos a ele vinculados, empresta-lhe um valor que de maneira alguma está em segundo plano quanto ao de que goza como algo indispensável à preservação e justificação da existência em sociedade. A atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, por meio da sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos persistentes ou constitucionalmente reforçados (p. 88).

Um caminho teórico que poderíamos seguir para tentar compreender a organização psíquica do garoto de programa e seu cliente seria pelo viés da dissociação. Optamos, entretanto, por não segui-lo, por afastar de nossa proposta de pesquisa. Cabe apenas observar que, em se tratando de garoto de programa a dissociação precisa ser mais radical por ser uma prática sexual problemática, socialmente falando. Comparando com uma prostituta, esta não necessita apelar para sua heterossexualidade, a não ser que seja homo, ao passo que o garoto de programa se concebe como hetero e está envolto uma prática homo. Então pergunta-se: que ‘esforço psíquico’ um garoto de programa tem que fazer para transar por dinheiro com quem ele não quer, assegurar o cliente, fingir estar na relação, não gozar, fazer gozar o cliente e manter-se na posição heterossexual?



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Numa perspectiva antropológica, podemos pensar a prostituição, em geral, não como uma escolha neutra, e sim como expressão particular da existência, ou seja, um meio de interagir com a cidade, uma questão de sobrevivência psíquica. Diz Carvalho (2000, p.73):

A vida constrói-se em famílias, que existem. Vivemos em cidades, bairros, ruas, casas, quartos [...] espaços que são construídos, e constroem subjetividades. Ninguém se faz sozinho, gestos e rostos inventam o sujeito e sua história. Narrativas de sabores e dissabores compõem uma vida, de forma única e tragicamente só. Uma solidão feita de amargura pelo desencontro com o outro, mas, também como desapego deste outro, condição para formação de uma identidade de si mesmo. Da vivência desta solidão surge um sujeito - controverso, obtuso, contraditório - mas, acima de tudo, um sujeito possível.

A construção da subjetividade acontece na relação com o outro ao longo da vida. Nas palavras de Linenberg (1955, p.555),

O sujeito é sujeito do vínculo. A subjetividade vai-se construindo dos efeitos de presença, capazes de criar e produzir tramas psíquicas, evocações, marcas e novas representações que não se reduzem a meras identificações senão que são novas criações. No espaço intrassubjetivo o desejo circula unidirecionalmente desde o sujeito até seus objetos internos, ao passo que no intersubjetivo, é bidirecional, a circulação se dá entre os dois. Para que se arme uma representação vincular é indispensável uma convivência espaço-temporal.

Com Freud (1905), aprendemos que a sexualidade começa bem cedo na vida da criança e que a relação entre o desejo e sua realização vai muito além dos órgãos genitais, e guarda mais mistérios que se acreditava.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

A cada etapa do desenvolvimento há um componente emocional, psíquico que se expressa nos primeiros anos de vida via oralidade. Segundo a teoria freudiana de desenvolvimento, tanto a fase oral como a anal, são tidas como maneiras de organizar a sexualidade pré-genital, visto que a sexualidade nesta primeira etapa está centrada na boca, e posteriormente no ânus. Assim, podemos constatar como uma função fisiológica pode se constituir como fonte de prazer, o que Freud (1905/1996) nomeia como Teoria de Apoio.

Segundo Passarelli (1996, p.15), a partir desta teoria, a psicanálise ultrapassa o biológico, ou seja,

[...] o organismo com suas exigências impulsiona o sujeito a significar suas satisfações e perdas através de palavras, que vem de um Outro (a mãe, representante inicial da Cultura). Portanto, não é mais somente o leite quente que o bebê exige com seu choro infernal, mas é todo o estofado que o cerca, isto é, o bico do seio, os tapinhas nas costas, o colo doce e suave, os sons de uma voz produzindo frases enigmáticas e misteriosas, mas cheias de ternura ou dor, tais como, “*que bonitinho*”, “*não chora, não*”, “*gutcho-gutcho da mamãe*”, “*ai que moleque, pára de chorar*”, “*dorme, nenê, dorme*”. (Grifos do autor).

Ao longo da vida, estas expressões soarão como doces ou amargas, ecos de um passado que está nas entranhas e do qual não se pode desvencilhar; estão recalcadas e quando retornam “explodem em discursos de ira e poder, em gozos pretensamente ilimitados ou em vozes que se calam diante da vergonha de um amor”, diz Passarelli (1996, p.15). Ou como atesta Freud (1905/1996, p.162):

Mas devemos dizer ainda que essa suposta constituição que exhibe os germes de todas as perversões só é demonstrável na criança, mesmo que nela todas as pulsões só possam emergir com intensidade moderada. Vislumbramos assim a fórmula de que os neuróticos preservaram o estado infantil de sua sexualidade ou foram retransportados para ela. Desse modo, nosso interesse volta



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

para a vida sexual da criança, e procedemos ao estudo do jogo de influências que domina o processo de desenvolvimento da sexualidade infantil até seu desfecho na perversão, na neurose ou na vida sexual normal.

Segundo Stoller (1993), há processos biológicos profundos – pulsões – que impulsionam o desejo erótico. Não há uma essência invisível de excitação erótica, mas inomináveis excitações eróticas, diferentes, específicas de uma pessoa a outra e, às vezes, diferentes dentro da mesma pessoa em uma experiência erótica para outra. Diz:

Toda excitação erótica é, portanto construída a partir de tudo aquilo que chegou a pessoa, essa massa enorme de experiências passadas, e de cada um de seus componentes; ela é criada a partir de fragmentos que não são eróticos; o episódio de excitação erótica é, portanto composto de cenários, lembranças, nuances, conotações e afetos não eróticos que formam uma mistura intrincada, uma espécie de “sopa” no sentido, em que se deve considerar metaforicamente falando, a temperatura, a quantidade certa de cada ingrediente, o momento de se ajuntá-lo, o tempo, como cozê-lo e como juntá-lo (p.134).

A dinâmica vivenciada pelo sujeito se expressa no *script*, ou seja, na história em que se constrói, utilizando personagens, em geral pessoas, com motivos muito bem definidos. Não se pode esquecer que a constituição do sujeito, como afirma Ceccarelli (2004, p.67):

[...] é processo que se inicia logo após o nascimento, é marcada por intensos movimentos pulsionais que definirão a expressão da sexualidade adulta. Por conseguinte, a maneira como cada um vive a sua sexualidade dentro das singularidades próprias da cada um, é construída desde os primeiros dias de vida.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Dada a imaturidade biológica e psíquica do recém-nascido, segundo Maldonado (2005), este é inserido numa relação de comunicação com o outro. Outro que lhe proporciona uma experiência de satisfação das necessidades vitais. Esta vivência está vinculada à imagem de objeto que proporcionou a descarga via associação por contiguidade. Esta experiência de satisfação é fundante, pois será modelo para as outras vezes em que se instaure um estado de desejo. O aparelho psíquico, no decorrer da existência, ao executar uma ação específica, toma como parâmetro e referência a primeira experiência de satisfação e vai tentar sempre reencontrar o objeto que originalmente produziu a satisfação. Segundo Rudge (1998, citado por MALDONADO, 2005) é sob o rótulo de desejo que Freud vai descrever como, a partir da experiência de satisfação de necessidade, vão se criando facilitações que servem como roteiro, para aquilo que mais tarde ele chamou de pulsões sexuais. Para a autora, estas facilitações “são marcas de uma história que se inicia no encontro com o corpo do semelhante. Corpo e voz. As pulsões também são o eco, no corpo, da fala materna” (p.22).

Muitas pesquisas têm sido realizadas abordando a temática da prostituição feminina. E várias têm sido as abordagens: sociológica, antropológicas, econômicas etc. Perkins (1991), por exemplo, estuda a prostituição feminina sob a óptica da lei, do crime e justiça; Abraham (1942) a entende como indicativo de profunda hostilidade em direção aos homens. Para Deutsch (1929), as prostitutas eram masoquistas. Lampl-De Groot (1928) afirmava ser uma falha na resolução do complexo de Édipo. Choisy (1960, 1961) afirmava que tanto as prostitutas como clientes ofendiam um ao outro devido a sentimento hostil para com o pai. Agoston (1945) pensava que as prostitutas e clientes estavam envolvidos em fantasia imatura e eram incapazes de desenvolver e estabelecer relações duradouras, adultas e responsáveis. Para Caprio e Brenner (1961), as lésbicas eram mais compelidas à prostituição do que outras mulheres devido a uma falsa defesa heterossexual contra suas tendências homossexuais reprimidas. Para Szasz (1957), as prostitutas negavam seus



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

genitais ao permitirem que homens estranhos ‘possuíssem’ seus órgãos sexuais. Lichtenstein (1961) entendia que as prostitutas castravam seus clientes a fim de possuir o falo e então recuperava o amor da mãe perdido na fase edipiana. Hollander (1961) afirmava que as prostitutas simbolicamente castravam seus clientes num ato de vingança pela forma que os homens maltratavam as mulheres. Para Edward Glover (1960), a prostituta falhou na resolução do complexo de Édipo e mantém hostilidade em relação às suas mães.

Muitos prejuízos têm sido produzidos ao longe destas pesquisas analíticas e muitas acabaram por reforçar uma visão moralista, popular e negativa da prostituição, segundo Perkins (1991).

Embora não se tenha uma análise que englobe todas as razões que levam uma pessoa a prostituir-se, segundo Ceccarelli (2005, p.5), há fatores que se repetem como:

[...] a excitação provocada pela situação nova, imprevisível e totalmente desconhecida que pode revelar-se potencialmente perigosa: "o que ele/ela quer de mim?" "para onde serei levado?" "o que acontecerá comigo?"; o fato de "entregar-se" a alguém sobre quem nada se sabe; o prazer de ter o corpo admirado, olhado, fetichizado, (o que pode ser uma importante fonte de reconhecimento quando, em outros aspectos da vida, o sujeito sente-se anulado); o prazer em dar prazer ao outro; a excitação de ser objeto de alguém, pois, afinal, "é você que está pagando"; o jogo erótico que se expressa na negociação do preço em função de um serviço mais personalizado, e assim por diante. Igualmente significativos são os casos onde a prostituição é utilizada como uma "desculpa", "isso é apenas um trabalho", para viver-se uma forma de relação - homossexual - que, de outra forma, seria intolerável.

Ao falar das variações sexuais e o espaço compreendido entre a saúde e a perturbação mental, para Freud (1905/1969), em muitas condições e em muitos indivíduos, a índole e o valor do objeto sexual pertencem ao segundo plano e afirma que “ o essencial e



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

constante na pulsão é alguma outra coisa.” Em nota de rodapé, acrescentada em 1910, faz uma comparação entre a vida amorosa dos antigos e a nossa afirmando uma diferença básica: os antigos enfatizam a própria pulsão sexual e nós o objeto. Diz: “os antigos celebravam a pulsão e se dispunham a enobrecer com ela até mesmo um objeto inferior, enquanto nós menosprezamos a atividade pulsional em si e permitimos que seja desculpada pelos méritos do objeto” (p.141).

Na perspectiva que nos propomos em rastrear os caminhos da pulsão, é Freud (1905/1969) quem insiste terminantemente nesta direção quando afirma que, se estudarmos acuradamente as manifestações sexuais da infância, com certeza depararíamos com os traços essenciais da pulsão sexual, revelando seu percurso evolutivo e o como a pulsão se compõe a partir de diversas fontes.

Stoller (1993), ao falar da excitação sexual, afirma que esta depende de um cenário, de uma história. A dinâmica se manifesta na subjetividade por meio de *scripts*, ou seja, das histórias dotadas de uma trama narrativa que utiliza personagens – geralmente pessoas – das quais os motivos são definidos de maneira específica. Se queremos descobrir a forma precisa que toma a excitação erótica de alguém, nós devemos começar pelos *scripts* (ou cenários): o que a pessoa prova subjetivamente. As personagens são escolhidas porque elas recordam pessoas importantes da própria infância, tais como pais, os irmãos e as irmãs...

Para Stoller (1993, p.177)

[...] o desejo erótico é feito de decisões – escolhas – reforçadas pelas reações eróticas do corpo, que depende das experiências - grosseiras ou sutis – fortemente carregadas de sentidos: e em seguida, de impulsões arbitrarias, pessoais, idiossincrásicas e ligadas à cultura, controlam todas as nossas excitações, todos os nossos prejuízos – pintura, poesia, concertos, moda, vestimenta, carros, móveis, produtos de beleza, penteados, artigos de toaletes, arquitetura, teatro, animais domésticos, heróis, teologia,



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

intelectuais, mercearias, enterros, amizades – todas as nossas preferências e as nossas aversões. O erótico é, desta maneira, um caso particular da estética e não qualquer coisa de diferente.

Freud (1915, 1996), ao falar de pulsão, deixa claro que o sujeito escapa às formulações e que seu mundo interno não é regido pela dinâmica do mundo externo. São as leis do inconsciente que orientam o indivíduo, e estas permitem entender os princípios da dissociação psíquica. Em “As Pulsões e suas Vicissitudes”, Freud (1915) define as pulsões pelos quatro conceitos: fonte, finalidade, objeto e pressão. Estes elementos vão definir o movimento pulsional: partindo da fonte se direciona para um alvo, contorna o objeto e volta à fonte e daí origina um novo movimento. Em “Além do Princípio do Prazer” (1929/1969), referindo às fontes, diz Freud não existir nenhum escudo protetor que impede as excitações provindas do interior e que as fontes mais férteis destas excitações são as pulsões que formam “os representantes de todas as forças que se originam no interior do corpo e são transmitidas ao aparelho mental, desde logo o elemento mais importante e obscuro da pesquisa psicológica” (p.45).

Na Conferência XXI, Freud (1916-1917 [1915-1917]1969), referindo-se à vida sexual, afirma que esta não é algo dado, pronto, mas se constitui a partir de distintas fases sucessivas e seu desenvolvimento repete-se várias vezes, como acontece na evolução da lagarta em borboleta.

O movimento pulsional permite, segundo Carvalho (2000, p.72),

[...] a construção de uma história para o sujeito. De acordo com o momento, e com a tensão entre as forças pulsionais, altera-se também a forma do sujeito relacionar-se com o mundo e as coisas do mundo. Nenhuma regra garante o sucesso indiscriminado das ações na invenção da vida.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Freud (1905) nos lembra que as modalidades de satisfação no humano estão vinculadas às zonas erógenas. A sexualidade humana, na fase inicial, se caracteriza pelo autoerotismo e pelo movimento pulsional funcionando independente de um objeto específico e autônomo se referindo à função biológica. Falando das manifestações da sexualidade infantil, Freud (1905) fala do sugar como expressão da sexualidade infantil. É uma prática que usa uma parte do corpo como objeto, o que a torna independente de um objeto externo. Desta independência do objeto e a independência da finalidade da nutrição, Freud postula o conceito de autoerotismo, marca registrada da sexualidade infantil.

O desenvolvimento libidinal, proposto por Freud, inicia no autoerotismo, passando pelo narcisismo e culmina na escolha objetal, momento em que as pulsões parciais se organizarão sob o primado da zona genital, capacitando o sujeito para a reprodução. Freud nos alerta que este processo não é linear, mas influenciado por estagnações, regressões, fixações.

Como já afirmado, a finalidade da pulsão é a plena satisfação, porém este objetivo é inatingível pela sua própria constituição e é justamente por isso que ela é uma força que pressiona constantemente. Na busca para atingir o objetivo, a pulsão pede um objeto, mas nenhum em específico, e este constitui um meio para se atingir aquilo que se busca. Ele tem diferentes facetas: podendo ser uma pessoa ou parte dela, pode ser real, fantasmático, não tendo, portanto, uma especificidade. Embora não tenha uma especificidade, não pode ser um objeto qualquer, mas se reveste de um objeto adequado possível de tornar possível a satisfação. Esta particularidade tem a ver com a história do sujeito. Como nos lembra Maldonado (2005, p.27), “não se trata de um objeto do mundo, mas da representação que um determinado objeto adquire para um determinado sujeito.” Ou seja, entre pulsão e objeto de satisfação existe o universo fantasmático sobre o qual se apóia o *script* encenado pelo sujeito.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Desta maneira, quando entramos no âmbito pulsional, entendemos que a questão que deve ser colocada vai para além das expressões de determinadas sexualidades, ou seja, o desafio consiste em determinar os movimentos pulsionais e os processos identificatórios que levaram a construção de uma dinâmica psicosssexual. É neste sentido é que entendemos Freud (1920) quando ele escreve que à psicanálise cabe apenas “revelar os mecanismos psíquicos que culminaram na determinação da escolha de objeto, e remontar os caminhos que levam deles até às disposições instituais” (p.182) .

Na conferência XXII (1917 [1916-17])/1969), Freud fala de “série complementar” para explicar a origem da neurose. Para ele, tanto a sexualidade quanto o eu passam por fases de desenvolvimento paralelas e em estreita conexão durante as quais se organizam. Este desenvolvimento pode ser afetado pela resistência do eu bem como pelas fixações libidinais; isto é o que Freud chama de predisposição.

Winograd (2004, p.220) deixa ainda mais clara esta assertiva freudiana quando escreve que:

A predisposição seria o resultado da conjugação entre o herdado - hoje em dia, costumamos dizer "o genético" - e o adquirido pela experiência na trajetória de vida. Os dois formam outra série complementar parecida com a que foi proposta entre predisposição e experiências acidentais do adulto. Em ambas as séries, podem-se encontrar os mesmos casos extremos e as mesmas relações de substituição conforme o princípio da equação etiológica. Noutras palavras, os fatores em jogo na etiologia das neuroses e nos processos de subjetivação em geral são incontáveis, plurais. Pode-se, quando muito, identificar um ou outro mais intenso, mais visível, mas jamais reduzir a equação a apenas um de seus termos.

Em outro momento, falando do obscuro na pesquisa psicológica e, sobretudo, na vida de um sujeito, ao comentar o esquecimento da infância Freud (1915/1996, p.166) escreve:



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Creio que a amnésia infantil, que converte a infância de cada um numa espécie de época pré-histórica e oculta dele os primórdios de sua própria vida sexual, carrega culpa por não dar valor ao período infantil no desenvolvimento da vida sexual. Um observador isolado não pode preencher as lacunas assim geradas em nosso conhecimento. Já em 1896 frisei a significação da infância para a origem de certos fenômenos importantes, que dependem da vida sexual, e desde então nunca deixei de trazer para o primeiro plano o fator infantil na sexualidade.

Ao conceber a sexualidade do adulto como algo que preserva o infantil, ou a ele é reconduzido, voltamos nosso interesse de pesquisa no conteúdo infantil presente na prática entre o garoto de programa e o cliente.

Recebido: 06/10/2010

Aceito: 10/12/2010

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, K. *Manifestations of the female castration complex*. Selected Papers. London: Hogarth, 1942.
- AGOSTON, T. Some psychological aspects of prostitution - pseudo-personality. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 26, 1945.
- BADINTER, Elisabeth. *Um é o Outro*. São Paulo: Circulo do Livro, 1986. Trad. Carlota Gomes.
- CAPRIO, F.; BRENNER, D. *Sexual behavior: psycho-legal aspects*. New York: Citadel, 1961.
- CARVALHO, S. B. *As virtudes do pecado: narrativas de mulheres a "fazer a vida no centro da Cidade"*. 2000. 89f. Dissertação (Mestrado Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro.
- CECCARELLI, P. R. Sexualidade e preconceito. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.3, n.3, p.18-37, set. 2000.
- CECCARELLI, P. R. Garotos e garotas de programa: uma expressão da sexualidade humana. *Informativo do Clube Rainbow*, Belo Horizonte, v.2, n.11, p.5, Nov. 2005. Disponível em: <<http://www.ceccarelli.psc.br/>>. Acesso em: Abril de 2008.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

-
- CECCARELLI, Paulo Roberto. A sedução do pai. *Publicação Anual do Instituto de Estudo Psicanalíticos – IEPSI*, Belo Horizonte, n.18, p. 91-97, out. 2001.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Sexualidade e consumo na TV. *Psicologia clínica*, Rio de Janeiro, v.12, p.59-68, 2004. Disponível em: <<http://www.ceccarelli.psc.br/>>. Acesso em: Abril de 2008.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Corpo como mercadoria. In: *Sexos a trama da vida: Rev. Mente e Cérebro; Vol. IV*, São Paulo: Duetto Editorial, 2008.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Pesquisa em Psicanálise. Texto apresentado no "I Simpósio o Homem e o Método", juntamente com o "II Encontro das Escolas de Psicologia de Belo Horizonte" no dia 28/04/01. PUC-MG.
- CHOISY, M. *A month among the girls*. New York: Pyramid, 1961. Sychoanalysis of the prostitute. New York: Philosophical Lib., 1960.
- DEMO, Pedro. Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- DEUTSCH, H. The genesis of agoraphobia. *International Journal of Psychoanalysis*, v.10, 1929.
- FRANÇA, G. V. Prostituição: um enfoque político-social. *Feminina*, Rio de Janeiro, v.22, n.2, p.145-148, fev. 1994.
- FREUD, S. *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: 1996, vol. XIX, p.155-161.
- FREUD, S. *A vida sexual do seres humanos*. (1916-1917 [1915-1917]1969). Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: 1996, v.VXI, p. 309-324.
- FREUD, S. *Além do princípio e do prazer*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: 1969, vol. XVIII, p.13-75.
- FREUD, S. *O desenvolvimento da libido*. (1916-1917 [1915-1917]1969). Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: 1996, v.VXI, p. 325-342.
- FREUD, S. *O inconsciente* (1915[1996]). Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, 1996, v. XIV, p.165-222.
- FREUD, S. *O mal estar na civilização* (1930[1929]). Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, 1969, v. XXI, p. 65-148.
- FREUD, S. *Os caminhos da formação dos sintomas*. (1916-1917 [1915-1917]1969). Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: 1996, v.VXI, p. 361-378



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

- FREUD, S. *Os instintos e suas vicissitudes* (1915, 1996). Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, 1996, v. XIV, p.115-144.
- FREUD, S. *Três ensaios sobre e teoria da sexualidade*. (1905). Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: 1996. V. VII, p. 117-229.
- FREUD, S. Algumas Idéias sobre desenvolvimento e regressão - etiologia. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, 1995. Vol XVI, p. 343-378.
- FREUD, S. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, 1995. Vol XVIII, p. 159-204
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GLOVER, E. The psychopathology of prostitution. In: Glover, E. (Ed.) *The roots of crime*. New York: International Universities, 1960.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 2, p. 37-63, Mar./Abr. 1995.
- HOLLANDER, M. Prostitution, the body and human relatedness. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 42, 1961.
- LAMPL-DE GROOT, J. The evolution of the Oedipus complex in women. *International Journal of Psychoanalysis*, v.9, 1928.
- LICHTENSTEIN, H. Identity and sexuality. *Journal of the American Psychoanalytical Association*, v.9, April, 1961.
- LINENBERG, P. *La constitución de la subjetividad social*. Reflexiones teórico-clínicas. Bogotá: Universidad de Antioquia, 1995. p.555.
- MAANEN, J. V. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. *Administrative Science Quarterly*, v. 24, n.4, p.520-526, Dec. 1979.
- MALDONADO, G. *Um estudo sobre o conceito freudiano de pulsão de morte*. 2005. 95f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.
- MOREIRA, J. O. *Figuras de alteridade no pensamento freudiano*. 2002. 262f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- ORLANDI, E. P. *Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2007.
- PASSARELLI, C. André. A construção social da perversão. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, v.7, Ed. especial 1, p.13-25, 1996.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

PERKINS, R. *Austalian studies in law, crime and justice*. Canberra: Australian Institute of Criminology, 1991. Disponível em: <<http://www.aic.gov.au/publications/lcj/working/>>. Acesso em: 02 de outubro de 2008.

STOLLER, R. *Dynamiques des troubles erotiques*. In: Les troubles de la sexualité. Tradução de Luis Antonio Pinheiro e José Mauricio da Silva. Monographies de la Revue Française de Psychanalyse, Paris, PUF, 1993. P. 159-182.

SILVA, Jose Mauricio. O lugar do pai: uma construção imaginaria. 2007. 150p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia. Pontificia Catolica do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte.

SZASZ, T. *Pain and pleasure; a study of body feelings*. New York: Basic, 1957.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1987.

[WINOGRAD, Monah](#). *Freud é monista, dualista ou pluralista? Ágora*, [online], Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.203-220, 2004.

Recebido: 20/12/2010

Aceito: 05/01/2011



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br